

dade de inventar mitos.

## Vãos xamânicos

Quando você vê um xamã yanomami ou um xamã xavante, sem um jamais ter falado com o outro, dizendo que “nós inventamos um avião mas não o desenvolvemos”, a gente pensa que eles estão com inveja – já que somos capazes de voar e eles não. Mas, se pensarmos na perspectiva do Canetti e do ponto de vista dos mitos, se os homens hoje voam é porque lá trás já estava sendo pensada uma maneira de voar de uma outra forma. No caso brasileiro, temos uma riqueza imensa que está em vias de extinção. Temos mais de 200 povos indígenas, para não falar na contribuição de outros povos tradicionais. É preciso ver que tipo de re-

lação eles têm com o ambiente para pensarmos no desenvolvimento com eles – e não contra eles.

## Pós-IPCC

Acho a questão do ambiente muito complicada, já que no Brasil há um pensamento, invariavelmente, muito simplista sobre a relação entre desenvolvimento e ambiente. A questão é colocada em termos de “ou-ou”. Ou desenvolvimento ou consideração de preservação ambiental, sendo que já ingressamos numa época – pós-aquecimento global e pós-IPCC – que não permite mais que a questão seja postergada e colocada nesses termos. Nós – e todos os países, sobretudo os detentores de megadiversidade – temos que levar isso em consideração. O desenvolvimento não

pode mais ser considerado como uma prioridade sem quem se pense no fator ambiental, sob pena de o futuro ficar comprometido de forma irreversível.

## Com a barriga

A oportunidade de se discutir a questão ambiental junto com tecnologia e energia, nesta edição da SBPC, é muito importante. Mas é preciso que seja levada a fundo uma discussão radical sobre a relação entre desenvolvimento e ambiente. Do contrário, imagino, vai se eternizar essa prática de empurrar com a barriga a questão ambiental. Basta ver o modo como está sendo travada a discussão sobre a Amazônia. E basta constatar como setores majoritários do governo brasileiro consideram a questão do desenvolvimento. A Amazônia é central nesse aspecto. Qualquer discussão passa pelo desenvolvimento da Amazônia com consideração ambiental, sem o que acho sinceramente que não há futuro para o Brasil.

## Ouvidos moucos

A questão, portanto, precisa ser enfrentada. Isso não ocorreu até agora, apesar dos diferentes alertas e da massa crítica existente no país para mapear o problema, o que já ocorreu. Acontece que as forças em campo ainda não levaram até às últimas consequências a consideração desse mapeamento.

## Dinheiro rápido

O que predomina são interesses de curto prazo – para fazer dinheiro rápido. Se for considerado, por exemplo, o plano estratégico do ministro Mangabeira Unger para a Amazônia, o modo absolutamente primitivo com que ele considera a importância da questão do futuro dos povos indígenas, você percebe que, até quando há versões sofisticadas que tentam levar em consideração a relação desenvolvimento-ambiente, ainda assim falta muito para chegar lá. Essa é a questão principal.

## E a sociedade?

O eixo temático desta edição da SBPC, energia, tecnologia e ambiente, diz respeito à sociedade. Só podemos pensar nesses três temas em razão do que eles trazem de benefício para a sociedade. No entanto, desde os tempos de Margareth Thatcher, sociedade é um termo que passou a ficar entre parênteses... Até porque Thatcher disse, inaugurando o neoliberalismo numa escala maior, que não existia a sociedade, mas sim indivíduos e mercado. E, no Brasil de hoje, energia, ambiente e tecnologia se referem mais à relação com o mercado do que com a sociedade. Acho isso problemático.

## Inovação

Estamos vivendo uma onda na qual a inovação é o que existe de mais importante para o desenvolvimento. Cabe a pergunta: desenvolvimento da sociedade ou do mercado? Ou de ambos? O Brasil tem um problema com a invenção e com a inovação. Durante muito tempo se acreditou que o nosso baixo índice de patentes – em escala global nossa contribuição é de menos de 1% – era decorrente da falta de massa crítica. Depois foi feito um estudo e descobriu-se que o ponto de estrangulamento não é a produção de conhecimento suficiente para a invenção. O gargalo está, em primeiro lugar, no modo como isso não é transformado em patentes, em parte por uma questão jurídica que, na minha opinião, tem a ver com o modo como o Inpi é gerido.



O professor e sociólogo Laymert Garcia dos Santos, do IFCH: “A sociedade deve ter o direito de saber onde estamos e para onde vamos”

## Sem eco

Outro problema que diz respeito à inovação – o principal – é o fato de o setor produtivo não se interessar por ela. Os empresários não investem em pesquisa e desenvolvimento. O conhecimento gerado nas universidades não encontra ressonância no setor produtivo. O problema, portanto, não está na universidade, mas do outro lado. Essa nova lei paulista que transforma a Fapesp numa plataforma para a inovação está tentando ver se consegue estimular o setor produtivo a se interessar por pesquisa e desenvolvimento e, portanto, por inovação – e também, de certo modo, a dissolver esse nó górdio. É o poder público fazendo a parte que, nos outros países, é feita pelo setor privado, com todas as implicações que isso tem.

## Zona de sombra

Temos então, aí, uma zona de sombra. No caso brasileiro, o aspecto subdesenvolvido da questão aparece justamente na falta de apetite do setor produtivo em inovar. E, se ele não precisa inovar é porque, de alguma maneira, a questão é resolvida – ou não – de outro modo. Por que não há investimento? Por uma série de razões. A primeira é porque se pode comprar tecnologia pronta. A segunda deve-se ao fato de as grandes corpora-

ções concentrarem a sua pesquisa e desenvolvimento nas matrizes. A terceira porque o setor produtivo brasileiro ainda não acordou completamente para a questão da inovação como fator de competitividade – ele não tem ambição necessária para tentar dar o salto. Há, portanto, uma série de fatores. O fato é que a gente tem uma situação que não é facilmente sanável. Talvez devêssemos nos perguntar como é possível ao mesmo tempo pensar que o mercado é tudo, e ficar esperando que o Estado resolva a questão do desenvolvimento da tecnologia...

## Energia

A questão da energia é central hoje no Brasil. Por um lado, em razão da relação entre economia e ambiente e, de outro, pelo papel positivo que o biocombustível pode ter caso seja bem manejado. É também uma questão central dada as descobertas novas em termos de petróleo, que colocam o Brasil num outro patamar, ou seja, o país passa ser uma potência em termos energéticos. Isso muda bastante a posição do país no cenário internacional. Estamos numa espécie de encruzilhada. Temos muitos trunfos na mão, mas é preciso levar em consideração os chamados efeitos colaterais. Como disse, não dá para não considerar a relação entre ambiente e economia.

# futuro nao

Ilustração: André Favilla

